

Escolas não têm substitutos para os mestres

Christina Bocayuva

Eliane Bardanachvili

Já houve um tempo em que as salas de aula regurgitavam de gente que queria ouvir o professor Manuel Maurício de Albuquerque descrever com ironia e humor cortante episódios da História do Brasil. Nestes mesmos santuários baixava um silêncio reverente toda vez que o professor Jacques Chambriard enunciava com sotaque francês e lógica cartesiana os termos de uma equação do segundo grau. E mesmo o medo que a tirania rabugenta da legendaria Miss Mary inspirava nos alunos do Colégio São Fernando e do Sion acabava convertido em gratidão pelos que aprenderam com ela a defender-se com razoável fluência em inglês. As estrelas dos primórdios dos cursinhos de vestibular eram disputadas com salários milionários e, dizia-se, um repertório formidável de privilégios.

Onde estão hoje as grandes estrelas das escolas de 1º e 2º graus? Quem são atualmente estes professores? Alguns ainda são os mesmos, como Cloves Dottori, 54 anos, que já brilhava na década de 60 nas salas do Colégio Bennett e do Santo Inácio, resgatando a Geografia da monotonia da decoreba. Há ainda outros remanescentes, mas este clube fechado tem raríssimos novos sócios. Salários infames e a queda acentuada na qualidade de formação de professores afastaram muita gente do magistério e agora as escolas que cultivam bom padrão de ensino têm calafrios quando um destes experimentados mestres avisa que vai se aposentar ou procurar algum caminho menos sofrido para a velhice.

Filtragem — No Colégio Santo Inácio, tradicional reduto do bom ensino mantido pelos jesuítas, a substituição de qualquer um de seus 213 professores está ficando cada vez mais difícil. O Colégio de vez em quando põe anúncios nos jornais procurando professores. Em média, apresentam-se 300 candidatos e a metade é eliminada no exame preliminar de currículos. Os primeiros cortados são os que apresentam diplomas de uma das muitas faculdades de subúrbio da cidade. Quem passa por este primeiro filtro é submetido a três ou quatro entrevistas para se saber que método pedagógico prefere, que livros adota e como se relaciona com os alunos.

“Temos professores cadastrados para casos de necessidade, mas a probabilidade de que eles substituam nossos atuais professores à altura é muito pequena”, lamenta o professor de Matemática Renato Magno Araújo, 62 anos, há 33 no Santo Inácio e atualmente coordenador do serviço de Orientação Vocacional. Seu pessimismo é reforçado por uma enquete informal que o professor Agostinho Santos Carneiro, do Colégio Santo Agostinho, faz com alunos da 3ª série do 2º grau há cinco anos. De 1.250, apenas quatro responderam que queriam ser professores. Há três anos, quando o Santo Inácio precisou de um professor de Matemática foi buscar José Furtaço, 60 anos, já aposentado, que na época áurea dos cursinhos de vestibular era o papa da Trigonometria.

“Daqui a algum tempo não teremos mais professores nem naqueles colégios considerados bons”, prevê com igual desânimo Antônio José Chediak, diretor do Colégio Pedro II, que por anos a fio foi o melhor exemplo de excelência do ensino público. Na Faculdade de Humanidades Pedro II (Fahupe), diminuiu tanto a procura por cursos de licenciatura formação de

professores — que reduziu-se a oferta de três para dois turnos de aulas. Não é sem razão que a direção do Pedro II está preocupada com o fato de que, a partir do próximo ano, 250 de seus professores estarão em idade de se aposentar.

O que ocorre na Fahupe repete-se na PUC e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Os cursos de Pedagogia, Geografia, Física, Matemática, Letras e Biologia estão vazios. Na Faculdade de Educação da UFRJ, para as 60 vagas disponíveis no último vestibular passaram apenas quatro candidatos. Outros 29 entraram por exclusão — só alcançaram notas para se matricular na segunda opção, que era Educação. No curso de Geografia sobraram 13 das 50 vagas oferecidas. Ainda assim, revela a professora Norma Gomes, diretora da Divisão de Registro de Estudantes da UFRJ, quase todos os 37 alunos não querem ser professores.

Desalento — Na PUC o quadro é parecido. Para 30 vagas do curso de Letras, inscreveram-se apenas 25 alunos. Menos ainda — apenas 16 — inscreveram-se em Geografia. Só nove matricularam-se e cinco desistiram antes de completar o curso. Os salários que esperam os que se formarem são desalentadores. Os *medalhões* podem ganhar de NCz\$ 40 a NCz\$ 59 a hora/aula, o que resulta por mês em NCz\$ 3.200 e NCz\$ 4.700 se a carga horária for de 20 horas semanais. Quem acumular mais de uma escola pode ganhar o dobro, o que continua não sendo uma maravilha.

A miséria do padrão salarial está mudando profundamente a composição da categoria dos professores. “A educação está sendo procurada cada vez mais no Brasil pelo pessoal de menor nível sócio-cultural”, constata o pesquisador Sérgio Costa Ribeiro, do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), que fez um amplo levantamento junto a vestibulandos do Cesgranrio no início dos anos 80.

“Ser professor tornou-se aceitável para pessoas de classe baixa que se contentam com os salários oferecidos. Se um jovem de classe média diz que quer ser professor, seus pais provavelmente o encaminharão a um psicólogo”, afirma. Costa Ribeiro listou em sua pesquisa 46 cursos universitários por ordem de prestígio e Pedagogia apareceu em último. O mais prestigiado foi Medicina.

Desprestígio Para atualizar a pesquisa, Costa Ribeiro investigou no ano passado as carreiras que tinham mais vagas ociosas. Eram exatamente as de menor prestígio. “Num vestibular eliminam-se os mais fracos e os mais fracos escolhem o magistério”, constata. “Enquanto para Medicina ou Engenharia é preciso fazer muitos pontos, para conseguir vaga em alguma licenciatura não se exige muito e aí vale a pena arriscar”, concorda Antônio José Chediak, do Pedro II.

Para a degradação do magistério como carreira muita coisa contribuiu, do notório e continuado desdém pela educação até o empobrecimento do país. Chediak, que lecionou na antiga Faculdade Nacional de Filosofia, templo de formação de bons professores, resume o quadro assim: “Não há termo de comparação. Mudou o ensino, mudou o aluno, mudou o professor e a situação financeira. Na minha época, comprávamos livros com fartura. Hoje, o aluno da faculdade de licenciatura não tem dinheiro para isso”.



Os bons colégios não podem dispensar professores como o veterano Miguel Jorge